Podemos evocar Espíritos maus?

O assunto está em pauta, porque muitos dizem evocar espíritos. Infelizmente, muitos também acreditam que simplesmente por estarem evocando maus Espíritos, estariam prontamente contraindo ligações com Espíritos obsessores. Veremos, pelo texto seguinte, que não é assim e que, havendo seriedade e bons propósitos, na verdade, se produz o bem e, frequentemente, a ligação com um Espírito que nunca mais esquecerá seu gesto.

Um antigo carreteiro – Revista Espírita de dezembro de 1859 (conteúdo integral)

O excelente médium Sr. V… é um moço que geralmente se distingue pela pureza de suas relações com o mundo espírita. Contudo, depois que se mudou para os aposentos que atualmente ocupa, um Espírito inferior se intromete em suas comunicações, interpondo-se até em seus trabalhos pessoais.

Encontrando-se, na noite de 6 de setembro de 1859, em casa do Sr. Allan Kardec, com quem devia trabalhar, foi entravado por aquele Espírito, que lhe fazia traçar coisas incoerentes ou impedia que escrevesse.

Então o Sr. Allan Kardec, dirigindo-se ao Espírito, manteve com ele a seguinte conversa:

1. – Por que vens aqui sem ser chamado?
– Quero atormentá-lo.

2. – Quem és tu? Dize o teu nome.
– Não o direi.

3. – Qual o teu objetivo, intrometendo-te naquilo que não te diz respeito? Isto não te traz nenhum proveito.
– Não, mas eu o impeço de ter boas comunicações e sei que isto o magoa muito.

4. – És um mau Espírito, pois que te alegras em fazer o mal. Em nome de Deus eu te ordeno que te retires e nos deixes trabalhar tranquilamente.
– Pensas que metes medo com essa voz grossa?

5. – Se não é de mim que tens medo, tê-lo-ás sem dúvida de Deus, em nome de quem te falo e que poderá fazer que te arrependas de tua maldade.
– Não nos zanguemos, burguês.

6. – Repito que és um mau Espírito, e mais uma vez te peço que não nos impeças de trabalhar.
– Eu sou o que sou, é a minha natureza.
Tendo sido chamado um Espírito superior, ao qual foi pedido que afastasse o intruso, a fim de não ser interrompido o trabalho, o mau Espírito provavelmente se foi, porque durante o resto da noite não houve mais nenhuma interrupção.

Interrogado sobre a natureza desse Espírito, respondeu o superior: Esse Espírito, que é da mais baixa classe, é um antigo carreteiro, falecido perto da casa onde mora o médium. Escolheu para domicílio o próprio quarto deste, e há muito tempo é ele que o obsidia e o atormenta incessantemente. Agora que ele sabe que o médium deve, por ordem de Espíritos superiores, mudar de residência, atormenta-o mais do que nunca. É ainda uma prova de que o médium não escreve o seu próprio pensamento. Vês assim que há boas coisas, mesmo nas mais desagradáveis aventuras da vida. Deus revela o seu poder por todos os meios possíveis.

– Qual era em vida o caráter desse homem?

– Tudo o que mais se aproxima do animal. Creio que seus cavalos tinham mais inteligência e mais sentimento do que ele.

– Por que meio pode o Sr. V… desembaraçar-se dele?

– Há dois: o meio espiritual, pedindo a Deus; o meio material, deixando a casa onde está.

– Então há realmente lugares assombrados por certos Espíritos?

– Sim, Espíritos que ainda estão sob a influência da matéria ligam-se a certos locais.

– Os Espíritos que assombram certos lugares podem torná-los fatalmente funestos ou propícios às pessoas que os habitam?

– Quem poderia impedi-los? Mortos, exercem influência como Espíritos; vivos,

exercem-na como homens.

– Alguém que não fosse médium, que jamais tivesse ouvido falar de Espíritos e que nem acreditasse neles poderia sofrer tal influência e ser vítima de vexames de tais Espíritos?

– Indubitavelmente. Isto acontece mais frequentemente do que pensais, e explica muitas coisas.

– Há fundamento na crença de que os Espíritos frequentam de preferência as ruínas e as casas abandonadas?

– Superstição.

– Então os Espíritos assombrarão uma casa nova da Rua de Rivoli, do mesmo modo que um velho pardieiro?

– Por certo. Eles podem ser atraídos antes para um lugar do que para outro, pela disposição de espírito dos seus moradores.
Tendo sido evocado, na Sociedade, o Espírito do carreteiro acima mencionado, por intermédio do Sr. R..., ele manifestou-se por sinais de violência, quebrando os lápis, enfiando-os com força no papel, e por uma escrita grosseira, trêmula, irregular e pouco legível.

1. (Evocação).
– Aqui estou.

2. – Reconheceis o poder de Deus sobre vós?
– Sim; e daí?

3. – Por que escolhestes o quarto do Sr. V..., e não um outro?
– Porque isto me agrada.

4. – Ficareis ali muito tempo?
– Tanto quanto me sentir bem.

5. – Então não tendes a intenção de melhorar?
– Veremos. Eu tenho tempo.

6. – Estais contrariado porque vos chamamos?
– Sim.

7. – Que fazíeis quando vos chamamos?
– Estava na taberna.

8. – Então bebíeis?
– Que tolice! Como posso beber?

9. – Então o que quisestes dizer quando falastes da taberna?
– Quis dizer o que disse.

10. – Quando vivo, maltratáveis os vossos cavalos?
– Sois da polícia municipal?

11. – Quereis que oremos por vós?
– E faríeis isto?

12. – Certamente. Nós oramos por todos aqueles que sofrem, porque temos piedade dos infelizes e sabemos que a misericórdia de Deus é grande.
– Oh! Bem, sois boa gente mesmo. Eu gostaria de poder vos dar um aperto de mão. Procurarei merecê-lo. Obrigado.

OBSERVAÇÃO: Esta conversa confirma o que a experiência já provou muitas vezes, relativamente à influência que podem os homens exercer sobre os Espíritos, e por meio da qual contribuem para a sua melhora. Mostra a influência da prece.

Assim, essa natureza bruta e quase indomável e selvagem encontra-se como que subjugada pela ideia das vantagens que se lhe pode oferecer. Temos numerosos exemplos de criminosos que vieram espontaneamente comunicar-se com médiuns que haviam orado por eles, testemunhando-nos assim o seu arrependimento.

Às observações acima juntaremos as considerações que seguem, relativas à evocação de Espíritos inferiores.

Temos visto médiuns, justamente ciosos de conservar suas boas relações de além-túmulo, recusarem-se a servir de intérpretes dos Espíritos inferiores que podem ser chamados. É de sua parte uma suscetibilidade mal entendida. Pelo fato de evocarmos um Espírito vulgar, e mesmo mau, não ficaremos sob a dependência dele.

Longe disso, e ao contrário, nós é que o dominaremos. Não é ele que vem impor-

se, contra a nossa vontade, como nas obsessões. Somos nós que nos impomos. Ele não ordena, obedece. Nós somos o seu juiz, e não a sua presa. Além disso, podemos serlhes úteis por nossos conselhos e por nossas preces e eles nos ficam reconhecidos pelo interesse que lhes demonstramos. Estender-lhe a mão em socorro é praticar uma boa ação. Recusá-la é falta de caridade; ainda mais, é orgulho e egoísmo. Esses seres inferiores, aliás, são para nós um grande ensinamento. Foi por seu intermédio que pudemos conhecer as camadas inferiores do mundo espírita e a sorte que aguarda aqueles que aqui fazem mau emprego de sua vida.

Notemos, além do mais, que é quase sempre tremendo que eles vêm às reuniões sérias, onde dominam os bons Espíritos.

Ficam envergonhados e se mantêm à distância, ouvindo a fim de instruir-se. Muitas vezes vêm com esse objetivo, sem terem sido chamados.

Por que, pois, recusaríamos ouvi-los, quando muitas vezes seu arrependimento e seu sofrimento constituem motivo de edificação ou, pelo menos, de instrução?

Nada há que temer dessas comunicações, desde que visem o bem. Que seria dos pobres feridos se os médicos se recusassem a tocar em suas chagas?